

A moça tecelã: uma análise das *interpretações teóricas do conto de* *Marina Colasanti*

Lilian Regina Gobbi Bachi⁶⁴

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Recebido em: 20/02/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

O presente artigo tem por objetivo evidenciar algumas das possíveis interpretações do conto, utilizando-se das diversas teorias literárias para analisar a obra *A moça tecelã* de Marina Colasanti. A partir dos estudos realizados foi permitido compreender que existe uma infinidade de possibilidades para este texto. Neste sentido, partimos de uma análise pautada no viés religioso que procura estabelecer as relações entre o poder de criação atribuído a Deus e tal poder dado, no conto, à mulher. A segunda possibilidade de interpretação do texto, aqui adotada, parte do conceito da Teoria da Dualidade que estabelece uma lógica: tudo no mundo é binário. Para explicar tal conceito nos baseamos nas pesquisas de Abraham H. Maslow. Passamos daí para a próxima análise, amparada na Teoria da Psicanálise. Essa vertente teve suas pesquisas iniciadas por Freud e busca elucidar as formações do inconsciente, lapsos, chistes, associações, desejos, sentimentos, etc., sempre que esses atuem como elementos que constroem o texto. Por fim, trabalhamos com a Teoria do Feminismo, talvez a mais evidente na obra, que se pauta na questão do poder do homem e do poder da mulher. Para tanto serão utilizados os estudos de Bourdieu (2002), Giddens (2009) e Freud (1913), entre outros.

Palavras-chave

Interpretações teóricas; psicanálise; feminismo.

⁶⁴ Docente, Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Estadual de Maringá. E-mail: Lilian_agencia@hotmail.com.

Introdução

Marina Colasanti (1938) nasceu em Asmara, Etiópia, morou 11 anos na Itália e desde então vive no Brasil. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis, é ainda contemporânea a nós. É uma importante escritora da literatura brasileira, em suas obras reflete com delicadeza assuntos áspersos, entre eles os problemas sociais. Colabora, também, em revistas femininas e constantemente é convidada para cursos e palestras em todo o Brasil. Casada com o escritor e poeta Affonso Romano de Sant'Anna.

Na literatura infantil, seus “contos de fadas” ganharam destaque preservando os elementos próprios das narrativas que remetem o leitor à Idade Média e equilibrando com maestria os gêneros narrativo e lírico, Marina discute sobre temas atuais, como o consumismo desenfreado, a inveja, o egoísmo e as relações humanas.

Em *A moça tecelã*, publicado em 2000, o leitor é convidado a viajar para um mundo de fantasias, onde a moça com sua máquina de tear é capaz de construir elementos da natureza, dar vida a seres e tecer um marido de carne e ossos. A partir desse momento, a história se desenrola e a autora vai criando uma relação entre a personagem homem e a personagem mulher que dá margem ao leitor de tomar para si diversas interpretações, como veremos.

O conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti faz uma intertextualidade com várias outras obras da história da literatura, em especial com *Penélope* de Ulisses, que tecia durante o dia e destecia à noite para prolongar os dias à espera do seu amado, fazendo isso ela “enganava” os outros pretendentes que aguardavam que terminasse e tela que tecia para escolher entre eles um novo marido. Fazendo isso a moça torna-se dona de seu destino, faz uso do poder que tem nas mãos para fazer aquilo que deseja, que é esperar pelo marido. Além desse, constata-se a intertextualidade também com o conto *A filha do moleiro*, também conhecido como *Rumpelstizchen*, no qual o Rei obriga sua esposa a tecer cada vez mais, não estando satisfeito com a riqueza que já possui. A posição do marido nas duas obras é a mesma, pois os dois são gananciosos. Entretanto, o que diferencia o conto contemporâneo *A moça tecelã* é que a personagem feminina não se deixa dominar, pelo contrário, ela tem o controle da situação e quando percebe que o casamento não é aquilo que sonhara, começa a voltar o tear e desfazer o que não há fazia feliz.

Para melhor compreensão da narrativa, gostaríamos de propor uma leitura fazendo análise de seus elementos com base em diversos estudos de autores já citados.

1 Análise de A moça tecelã

1.1 Uma análise a partir do viés religioso.

Há para este conto várias possibilidades de interpretação, o conto levanta centenas de questões sobre o universo feminino e a partir dessas questões estudaremos possíveis interpretações apoiados em teorias literárias.

A primeira possibilidade de interpretação, apresentada já no início do texto, parte do viés religioso, tendo em vista que a personagem possui o poder da criação, atribuído a Deus, é como se essa protagonista tomasse o lugar do criador e ela mesma, por conta própria, criasse o dia, a noite, o sol, a chuva, o alimento e o homem.

Mas se durante muitos dias o frio e a chuva brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse acalmar a natureza. [...]. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido (COLASANTI, 2000, p. 10).

Conforme vemos é a própria tecelã quem tecia seu destino. Historicamente o discurso religioso propaga a ideia de que há um ser superior que tem o poder de criar e por isso possui o poder de decisão. No conto esse poder é atribuído à mulher.

Ironicamente, na bíblia Deus cria a mulher a partir da necessidade do homem, enquanto que no conto de Marina Colasanti há uma inversão, o homem é criado a partir da necessidade da mulher.

ela própria trouxe o tempo em que sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte. Com o capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia (COLASANTI, 2000, p. 10).

Culturalmente a sociedade considera o casamento um sacramento, um compromisso divino que não pode ser rompido, a quebra desse compromisso sagrado é um grande pecado. Ao narrar a decisão da personagem em desfazer o marido a narradora lança uma contraposição à Igreja e à crença, convidando o leitor a repensar seus conceitos pré-definidos pela sociedade e pela religião. De acordo com Duarte (2002), ao fazer essa oposição, a narradora propõe ao leitor “redefinir o que é pecado, o que é proibido, o que pode ou não pode ser dito ou feito. A questão é colocar em discussão o que é ‘verdade’ e que é pecado (DUARTE, 2002, p. 63).”.

1.2 Uma análise a partir da Teoria da Dualidade

Partindo para uma segunda possibilidade de interpretação levaremos em consideração elementos do texto que provocam dualidades, há no texto aspectos bastante evidentes dessa dicotomia, como veremos. Esses aspectos foram denominados como Teoria da Dualidade.

A Teoria da Dualidade estabelece uma lógica, tudo no mundo é binário, portanto, baseados em dois opostos: bem/mal, sim/não, par/ímpar, claridade/escuridão, prótons/nêutrons, etc. Sendo assim, dois poderes se opõem um ao outro, e tudo depende do equilíbrio de forças entre eles. É importante não perdermos de vista o fato de que o ser humano é um ser de constantes contradições, assim, passível de mudanças também constantes.

O tema central do texto trata-se de uma oposição entre amor e liberdade. Como vemos nos trechos: “e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.”; “E foi feliz, durante algum tempo.”; “Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu em sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela (COLASANTI, 2000, p. 13).”

A moça tecelã deseja ter ao seu lado um marido que lhe faça companhia, que a ame e lhe dê filhos, mas, além disso, deseja também manter sua liberdade. Após tecer o marido ela percebe que não é possível ter as duas coisas e que precisa tomar uma decisão acerca de tal situação, é necessário que ela escolha entre o amor e a liberdade, estabelecendo aí uma oposição.

Freud resume a Teoria da Dualidade:

Após longas vacilações e dúvidas, decidimos supor a existência de apenas dois instintos básicos: o Eros e o instinto de destruição. A tendência do primeiro desses instintos é estabelecer em qualquer momento unidades maiores e conserva-las, unindo-as umas às outras. No caso do instinto de destruição, devemos supor que sua meta final é a de conduzir o que está vivo ao inorgânico (FREUD, 1993, p. 63).

Há também neste conto outro caso de dualidade, entre bens materiais e afetividade, esse contraste ocorre porque enquanto a moça busca afeto o marido busca apenas bens materiais.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. [...]Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder de tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar. [...] Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados (COLASANTI, 2000, p. 10).

Para explicar essa antinomia podemos usar a Pirâmide de Maslow, proposta pelo psicólogo americano Abraham H. Maslow, ela baseia-se na ideia de que cada ser humano se esforça muito para satisfazer suas necessidades. É um esquema que apresenta uma divisão hierárquica em que as necessidades consideradas de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto. Segundo essa teoria, cada indivíduo deve realizar uma escala hierárquica de suas necessidades para atingir a sua plena auto realização.



Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/psicologia/maslow-as-necessidades-humanas.htm>

Trazendo isso para o texto, objeto de nosso estudo, vemos que não há coerência entre a hierarquia das necessidades das personagens, para a moça o amor, a família, a afetividade estão na base da pirâmide, enquanto que para o marido as necessidades primordiais são a riqueza, o luxo, as carruagens, o palácio. Indo um pouco além e transferindo a visão da autora para a vida do leitor, podemos pensar que o objetivo desta narrativa pode ser trazer ao interlocutor a consciência de que tendo sempre duas alternativas é necessário que se escolha por aquilo que lhe agrada.

Talvez a dualidade que teça maior discussão seja ainda o choque entre autonomia e submissão, muito frequentes no texto. Essas duas situações passeiam entre as personagens, pois ora a moça é submissa aos desejos do marido, ora ele é submisso ao poder dela de tecer,

havendo assim uma certa desconstrução do padrão cultural, que estabelece que a mulher, a qualquer tempo, modo e situação, deverá ser submissa ao homem.

Tecer era tudo que fazia, tecer era tudo que queria fazer. [...] A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido o nada subiu-lhe o corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu (COLASANTI, 2000, p. 13).

Alguns estudiosos, como Stendler (1952), embora tracem a dependência e a independência como dimensões interligadas, estabeleceram uma distinção entre independência de ação e dependência de afetividade. O que vemos no conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti é exatamente isso, apesar da moça possuir independência do marido no que tange suas ações, afinal, ela possui o poder de criar as coisas, criar seu próprio alimento, criar a natureza, poder de suprir por conta própria suas necessidades, é dependente dele afetivamente, porque precisa de sua companhia para se realizar como mulher e como mãe.

Somam-se a todas essas questões de dualidade o fato de estarem em uma ponta o homem e na outra a mulher, que não deixam de ser pares opostos, fazendo objeções a seus desejos, prioridades e ações.

A partir da análise do ponto de vista da Teoria da Dualidade, a narradora leva seu leitor a uma análise mental de sua própria vida, seja pessoal, profissional, social ou afetiva.

1.3 Uma análise a partir da Teoria Psicanalítica

Partindo do ponto de vista da Teoria Psicanalítica, temos mais uma das diversas possibilidades de interpretação deste conto. Essa vertente teve suas pesquisas iniciadas por Freud com o objetivo de sublinhar ângulos pouco iluminados por outras críticas literárias, os estudos buscam estabelecer um equilíbrio entre os saberes específicos e traços intrínsecos do texto. De um modo geral, interessam aqui formações do inconsciente, lapsos, chistes, associações, desejos, sentimentos, etc., sempre que esses atuem como elementos que constroem o texto.

A partir de Freud surgiu grande número de pesquisadores do assunto, entre eles Pierre Bourdieu, Charles Baudoim, Jean Paul Sarte, Tadié, Lacan e outros que serão usados como embasamento dessa análise.

Baudoim, por exemplo, faz uso de complexos conceitos da psicanálise para analisar a criação, procurando reconstituir a gênese a obra pela biografia do autor em conjunto

com situações recentes. Em relação aos leitores, Baudoim escreve que realizam a leitura por meio de seus conflitos e suas soluções; nessa relação entre leitor e autor no plano inconsciente é utilizada a teoria dos sonhos. Para ele a afinidade entre obra e sonho acontece porque a obra faz sonhar (Tadié, 1992).

Diante disto, podemos comparar a obra, objeto dessa análise, a um sonho, fruto do inconsciente, o que nos faz pensar se de fato todas as ações narradas acontecem ou se partem da imaginação da mulher, o que podemos considerar é que o ato de tecer neste caso pode ser um devaneio da moça, é tudo aquilo que ela desejava que acontecesse, mas que por sua condição, primeiro de mulher, depois de tecelã, pobre e condicionada pela tradição cultural, era impossível. A narradora revela no texto os sentimentos dessa moça, seus sonhos, seu desejo de ter liberdade, independência, poder de escolha, sem precisar viver de forma pré-estabelecida pela sociedade, de poder escolher com quem se casaria e se isso não a fizesse feliz poder decidir se separar sem sofrer com o preconceito dessa mesma sociedade.

É possível analisarmos esse fato de acordo com a Teoria Lacaniana, que defende que tudo no mundo é real, mas algumas coisas podem ser simbólicas e outras não. Para Lacan é impossível que o indivíduo viva sempre no real, por isso vive também no simbólico, o real é muito intenso e causa um impacto muito grande na estrutura simbólica da pessoa, a partir desse momento é necessário que o indivíduo vá ressimbolizando esses acontecimentos, dando a eles uma nova simbologia. No caso do conto *A moça tecelã*, ela viverá no simbólico e esse simbólico será exatamente o “poder” de dar vida a tudo, o seu real será muito diferente disso, na verdade ela será apenas uma mulher que viverá de acordo com o padrão social, uma mulher que não terá poder e que, de fato, será submissa ao marido. Para suportar esta realidade ela criará uma vida simbólica paralela ao real.

O primeiro livro da escritora Marina Colasanti intitulado *Eu sozinha* fala sobre a solidão, sobre o prazer de se estar só e questiona a necessidade de ter alguém, desse modo surgem as perguntas: por que a autora insiste nesta tenuidade? Será que o desejo da narradora é trazer à tona esse enclausuramento que ocorre dentro de si mesma? Ou forçar o leitor a pensar em seu autoenclausuramento?

Gaston Bachelard (1884-1962), que introduziu a imaginação da matéria como principal objeto de estudo, insiste na crítica da consciência do sujeito que escreve. Para o autor a narrativa é uma expressão dos devaneios de seu narrador.

Com o termo *textanalyse*, Jean Bellemin-Nöel (1983) evoca a hipótese do inconsciente do texto, que é o desejo do escritor. Ocorre que o escritor é uma série de desejos. O desejo do narrador seria o inconsciente do texto somado ao desejo; envolveria a sociedade,

o passado e o próprio desejo: “E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre. – É para que ninguém saiba do tapete – ele disse (COLASANTI, 2000, p. 12).”

A partir desse trecho do conto faremos a associação do fato da personagem estar “escondida” fisicamente com o fato estar “escondida” psicologicamente, a moça tecedora é isolada dos demais espaços da casa e, acima de tudo, é isolada do mundo. Seu dever a partir daquele momento era produzir o que o homem lhe ordenava. Ela é, portanto, aprisionada simbolicamente pelas ordens do marido e nessa prisão, que era seu quarto, ou por que não dizer em seu quarto que era também sua prisão, a moça tece seu próprio cárcere. Nessa linha de raciocínio, aproximando a fábula da realidade, percebemos que é na intimidade de nossos quartos que sofremos as crises da solidão, do ser, é justamente nesse cômodo que dialogamos com nossa consciência a respeito de nossas dores psíquicas.

Outro fato importante a ser analisado, ainda na área da psicanálise, é a dubiedade da personagem, ora independente, ora submissa, ora triste, ora forte, ora alegre, ora carente. Como segue: “Não esperou o dia seguinte [...] e aos poucos seu desejo foi aparecendo. [...] E antes de trancar a porta a chave, (o marido) advertiu: [...] pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. [...] E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo (COLASANTI, 2000, p. 12).”

Esse aspecto da personagem remete muito à mulher moderna, que vivencia em seu dia a dia essas situações, ganhamos espaço, conquistamos a tão sonhada independência, mas em nossa essência não deixamos de ser mulher, muitas mulheres, ainda hoje, preservam desejos e sonhos que caracterizaram por muito tempo o feminino. Por outro lado, pode caracterizar um choque entre a mulher antiga, que sonhava com um príncipe encantado, em casar e ter filhos, que era preparada para cuidar da casa e da família e ser submissa ao marido e a mulher moderna, que preza por sua liberdade, que é independente e não aceita a submissão.

1.4 Uma análise a partir da Teoria Feminista

Por fim analisaremos aquilo, que talvez, fique mais evidente na obra que é a questão do poder do homem e do poder da mulher. O conto começa e termina falando do poder da mulher, do poder que a moça possui de criar, de dar vida aos seres, à natureza e ao homem. Porém, há uma quebra dessa independência feminina quando o homem surge no conto, apesar da mulher continuar tendo poder esse poder é usado exclusivamente para

realizar os desejos do marido, isso significa que ele tem ainda mais poder do que ela, pois é ele quem a domina. Alguns elementos que a autora usa no texto deixam isso bastante claro, “o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre. – É para que ninguém saiba do tapete – ele disse (COLASANTI, 2000, p. 12).”

Sabe-se que a chave tem uma grande simbologia no misticismo, ela representa poder, sabedoria, de tal modo que o possuidor das chaves torna-se, então, possuidor do poder e da sabedoria. Além desse episódio, a autora usa verbos como “ordenou”, “exigiu”, “advertiu”, que denotam poder. O que mais chama a atenção é que a mulher, mesmo sabendo que é ela quem possui o poder, até mesmo de ter criado para si o marido, mantém-se na posição de submissão sem questioná-lo. Bourdieu (2002) denomina essa situação como *Violência Simbólica*, trata-se do poder que é exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Entende-se que as mulheres, em um ponto de vista que talvez ainda predomine, veem o casamento como passo fundamental para sua vida e essa relação matrimonial é seguida dessa violência simbólica.

Ocorre que, ao aceitar as imposições do marido, a mulher perde sua identidade, deixando de lado sua vida, suas crenças, seus sonhos e sua simplicidade.

Por outro lado, a autora faz uma desconstrução desse poder masculino, de acordo com o que propõe a Teoria Feminista. A Teoria Feminista não se trata apenas de uma escola que estuda uma teoria literária, vai além, é um movimento social, filosófico e político que busca a igualdade de direitos e a possibilidade de uma convivência fora dos padrões opressores baseados em normas de gênero. Portanto sua proposta seria a desconstrução da oposição homem/mulher e de todas as implicações existentes nela na história da cultura ocidental. Em termos literários esse movimento promove textos não somente escritos por mulheres, mas também que trazem personagens femininas que podem ser estudadas, tal qual o texto abordado aqui, como um modo de representação de experiência.

Ao narrar a dependência do homem em relação à esposa, a autora faz um movimento inverso ao que a sociedade está habituada. Desde o início da sua existência o homem é considerado um desejo da mulher, pois é criado a partir da necessidade dela, não deixa de ser uma crítica sobre a criação da mulher, mas é também uma afirmação sobre a importância da mulher, geradora de vida e de filhos, para a sociedade, é a partir da mulher que outras mulheres e homens recebem a vida.

Ao longo do texto a narradora dá evidências da sujeição que o homem possui, ele precisa das providências da mulher, só através dela ele consegue realizar seus desejos, sem ela nada acontece.

E no fim da narrativa a autora deixa claro a submissão completa do homem, pois ele é simplesmente desfeito pela mulher. Sendo assim, a partir da vontade dela ele teve vida e também a partir da vontade dela ele deixou de existir.

Considerações Finais

A análise do conto *A moça tecelã*, apresentado, permite evidenciar que existe uma intertextualidade entre esta obra e muitas outras anteriores a ela, constitui-se em uma réplica a enunciados já-ditos, tais como, o conto *A filha do Moleiro*, e o mito de *Penélope*, episódio tramado por Homero na Odisseia, o que nos leva a pensar que a personagem protagonista do conto representa aqui as mulheres ao longo dos séculos, por suas diversas trajetórias. Isso significa que o enunciador, ao construir seu discurso, mantém um diálogo com outros discursos, que, inevitavelmente, estão presentes no seu próprio discurso.

Além disso, fica claro que há diversas possibilidades de interpretação para esta mesma obra, o narrador interage com o seu leitor, possibilitando que ele reflita sobre a capacidade de produção criativa que o conto de Marina Colasanti evidencia e que favorecem às significações de um leitor produtivo. Dessa maneira, podemos afirmar que o conto analisado apresenta, no fio do discurso, interdiscursividade e intertextualidade. A partir do conto de fadas contemporâneo foi possível analisarmos os elementos que também estão presentes nos contos tradicionais, visualizando, assim, as transformações do gênero.

Agregado a isso, buscamos percorrer os caminhos de reconstrução e ressignificações da mulher. A análise do conto permite desvelar as diferentes vozes presentes no discurso, possibilitando a construção de sentidos para o texto.

ANEXO

A moça tecelã - Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida

pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite

chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Referências:

BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Eduem. Maringá. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: _____. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 11 ed. São Paulo: Global. 2000.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Página |
215

DUARTE, P.C.O. **Mídia e religião**: reflexões foucaultianas sobre constituição de saberes e/ou verdades no portar dos corpos. Entretextos. Londrina, v.12, n.1. 2012.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

A MOÇA TECELÃ: UNE ANALYSE DES INTERPRÉTATIONS THÉORIQUES DU CONTE DE MARINA COLASANTI

Résumé

Le présent article a pour objectif de souligner certaines des interprétations possibles du texte, se servant de plusieurs théories littéraires pour analyser l'oeuvre *A moça tecelã* de Marina Colasanti. À partir des études accomplies on a saisi qu'il y a plusieurs possibilités d'interprétation pour ce texte. Dans ce sens, nous sommes partis d'une analyse balisée par le biais religieux, qui essaye d'établir les relations parmi la puissance de création attribuée à Dieu et tel pouvoir donné, dans le conte, à la femme. La deuxième possibilité d'interprétation du texte qu'on a adopté part du concept de la Théorie de la Dualité qui établit une logique : tout dans le monde est binaire. Pour expliquer un tel concept nous avons eu pour fondement les recherches d'Abraham H. Maslow. Puis, nous sommes passés à l'analyse suivante, qui a comme soutien la Théorie de la Psychanalyse. Cette conception a eu ses recherches inaugurées par Freud et cherche à élucider les formations de l'inconscient, des lapsus, des chistes, des associations, des désirs, des sentiments, etc, toujours qu'ils jouent comme des éléments qui structurent le texte. Finalement, nous avons travaillé avec la Théorie du Féminisme, peut-être le plus évident dans l'oeuvre, qui est guidée par la question du pouvoir de l'homme et du pouvoir de la femme. Pour cela seront utilisées, parmi d'autres, les études de Bourdieu (2002), Giddens (2009) et Freud (1913).

Mots clés

Interprétations Théoriques. Psychanalyse. Féminisme.